

# SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

## 11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



## APREENSÃO SENSÍVEL DA PAISAGEM ATRAVÉS DO CAMINHAR

*PAULA, Carolina Cardi Pifano; carolinapifano@usp.br; IAU-USP*

*Pesquisa de mestrado, orientada por Luciano Bernardino da Costa*

*Iniciada em 07/03/2022*

### 1 Introdução

A pesquisa propõe problematizar o caminhar como modo de conhecimento da paisagem. A investigação volta-se para uma ação do caminhar enquanto expressão de formas de experienciar e de pensar a paisagem urbana. Interessa o estudo de procedimentos, processos e dispositivos artísticos/poéticos em relação a prática caminhante, bem como o desenvolvimento de enunciados que deem conta de identificar e caracterizar as relações entre corpo, experiência e narrativa. Busca-se contribuir com as discussões sobre a experiência estética da paisagem das cidades contemporâneas, perguntando-se em que medida o caminhar permite mobilizar dimensões sensíveis e críticas, situando o caminhante no espaço e no tempo em que habita.

Pesquisar os espaços contemporâneos envolve relacioná-los às complexas redes em movimento na cidade. As quais, articulando dispositivos e saberes técnicos; valores individuais e coletivos; éticos e políticos; culturais e ambientais; e formas de interação sensíveis com o espaço, caracterizam a produção das cidades. Considerando que vivemos uma crise da representação e da experiência urbana, a paisagem vivida não corresponde a representações clássicas ou à modelos estéticos hegemônicos que organizam a experiência contemporânea.

Nesse sentido, o caminhar é entendido na possibilidade de condicionar certa experiência estética localizada na paisagem como campo de imanência, imersão e participação do ser individual e coletivo na produção de modos de percepção e, por conseguinte, de imaginários sobre a cidade. Isso implica um resgate de signos, símbolos, metáforas para a compreensão do indivíduo contemporâneo e da experiência urbana, muitas vezes desconectada das bases materiais e sensíveis dos processos de significação do espaço e do tempo, a qual este vincula-se. Destaca-se o caminhar como algo inerente à organização do território, à uma condição histórica de decisões políticas, à mobilização do corpo (Tiberghien, 2013) para apreensão das formas de afetação, de crítica e de mensuração da experiência da paisagem entre o sublime, o banal e o

incomodo. Assim, a investigação sobre a ação de caminhar constitui um esforço em tencionar pensamento e prática, ciência e arte, singular e universal, corpo e paisagem.

Há na caminhada uma natureza indisciplinar e um componente transgressor . Primeiramente, não é uma ação localizada estritamente em um único campo do conhecimento, tencionando suas fronteiras. Faz parte da história da civilização humana e, em certa medida, do conjunto de disciplinas (por exemplo, Filosofia, Geografia, Literatura, História da Arte, Arquitetura etc.) ou como um meio para a locomoção ou como o próprio objeto de interesse. Segundo, é simultaneamente expressão e próprio modo de agir e pensar no que diz respeito as relações sociais. Por último, o caminhar vincula-se a uma atitude política frente aos modos de produção da cidade e aos processos de construção o eu em meio ao social que ao reivindicar a dimensão corpórea da cidade, recusa a coisificação da experiência e sua transformação em mercadoria. Então, o caminhar pode ser tanto um modo de ação quanto um modo de conhecimento, e a relação em trânsito entre a experiência e o pensamento expressos e proporcionados pelo caminhar o que mais interessa à pesquisa. Vale destacar, também, que nem todo caminhar leva à essa possibilidade.

Tim Ingold, interessado em uma compreensão holística e processual dos objetos de pesquisa dentro do campo das ciências sociais, faz importante reflexão sobre a maneira como o conhecimento sobre as relações entre percepção e cultura é oferecido com o caminhar. Para isso, o antropólogo diferencia duas maneiras de construção do conhecimento usando-se das metáforas de *dédalo* (maze) e do labirinto (labyrinth). O *dédalo* é aquele que, apesar de apresentar opções de escolhas, predetermina o movimento de quem o percorre. Isso corresponderia a abordagens de pesquisa “that treat the inhabited world as a repository of complete objects, already present and available for analysis” (Ingold, 2008). Soma-se a noção de um caminhar intencional, uma destinação projetada, ao contrário de lançar-nos ao exterior, inibe tal deslocamento restando, assim, uma representação do mundo que nos escapa e não habitamos. Contém, quanto a isso, crítica à ação de “inculcar um padrão de conduta aprovado juntamente com o conhecimento que o sustenta” (Ingold, 2015, p.23) e um questionamento se estamos de fato vendo além das coisas ou apenas o já conhecido por nós mesmos.

Uma abordagem complementar orienta-se pela imagem do labirinto, o ponto central não é a escolha, mas sim o percurso que remove constantemente as posições na medida em que as coisas aparecem , caracterizando um caminhar atencional focado “on the creative processes that continually bring these objects into being, along with the persons in whose lives they are entangled” (Ingold, 2008). Sendo este um caminho para observação daquilo que está “no limiar da emergência contínua” (Ingold, 2015, p.29). Importante reflexão para contrapor-se ao caminhar automático na cidade, colocando-o não mais como um instrumento, porém como meio para conhecer e habitar.

Nesse sentido, tal contribuição se torna pertinente para as aproximações referentes ao caminhar e a paisagem, integrando o tipo de experiência, talvez a única experiência relevante, descrita por Besse (2014) sobre a paisagem: o que nos empurra para fora de nossos limites ou, em um vocabulário da paisagem, nos lança para o horizonte. Além disso, prevê um modo de interação e de observação fundado no movimento, contrariando a perspectiva comumente aceita sobre a observação se dar pela fixação de um ponto.

Apesar da diferenciação elaborada por Ingold, seu intento não é a limitação à uma das duas posturas por ele apontadas. Mas influenciar a busca por uma pesquisa em trânsito com a intenção e a atenção para além da meta de se alcançar síntese final com isso atribui-se importância aos desdobramentos de questões abertas com a pesquisa em campo de forma interdisciplinar. Assumi-lo como meio é assumir que o fenômeno da percepção é inseparável das condições materiais que o produz e são continuamente produzidos. Isto implica explorar as reflexões sobre o social e o corpo que surgem na diversidade de práticas caminhanteras entre o como é feito e o que se intenciona fazer. Para isso, entende-se a circularidade entre produção espacial e reprodução das relações sociais e a paisagem como o encontro entre cidade e natureza ou como o encontro entre racionalidades dissociadas na modernidade (BESSE, 2014).

No campo da arquitetura, transpondo similarmente o que diz Ingold, isso implica na possibilidade de construção de entradas para a pesquisa, ação e educação sobre o espaço urbano. Disso decorre a proposta de um método que contemple a prática no sentido de exploração das possibilidades de movimento e da permanência através do espaço, do percurso ao parar. Parece relevante a definição de método contido no glossário de Francesco Careri em *Caminhar e Parar* (2017) no qual o arquiteto resgata a origem etimológica da palavra (sendo *metà* = depois, através; *hòdos* = via, caminho: através do caminho) e assume a pertinência indiscutível da noção de método à prática caminhantera, indo de encontro com trabalhos interessados em como acontece e como fazer acontecer. Careri aborda o caminhar como pressuposto para as atividades do grupo *Stalker* e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Roma Três.

A investigação voltada para a ação de caminhar, uma ação banal, implica, dessa maneira, em tentativa de restituição ou reforço do vínculo entre pensamento e prática. Torna-se pertinente diante do contexto atual de experiência urbana muitas vezes desconectada das bases materiais e sensíveis de produção hegemônica do espaço e do tempo contemporâneos. Da profunda conexão entre observação, apreensão e reflexão através de elementos ordinários, daquilo que à primeira vista não é notável, mas que carrega possibilidades de metamorfose do ser individual e coletivo.

Este encontro proporcionado pela prática do caminhar, aqui defendido, realiza-se na paisagem como meio dialético para a percepção e ação sobre os fenômenos do mundo, bases para a existência da vida. E o caminhar como momento de acesso e de afetação entre corpo e espaço e tempo. As noções de caminhar e de paisagem estão sendo compreendidas enquanto possibilidade de experiência estética na medida em que permitem acessar a dimensão poética do mundo, de experiência e de compartilhamento do sensível, expressando modos de estar, sentir e pensar a paisagem.

A caminhada, segundo Besse (2014) restitui a porosidade do corpo em relação ao mundo, sua abertura ao lugar através do estranhamento e do cansaço como dispositivos de intensificação da experiência de paisagem. Para Careri (2017), o caminhar possibilita uma montagem de geografias heterogêneas e a percepção destas em seu curso ininterrupto, imersa no movimento e nas dinâmicas do território, agenciando descrição crítica do estado de sua paisagem. Verifica-se a associação da noção de movimento à noção de paisagem. Esta (re)constrói-se junto com o movimento do mundo para além de seus aspectos físicos, existindo uma ação simbólica poderosa que institui a partir do encontro uma diferente dimensão latente nela mesma.

Esse processo caracteriza a possibilidade de profunda observação, descrição e reflexão na paisagem sobre os sentidos de habitar, entendendo por essas três ações, marcos do processo cognitivo de aprimoramento do sujeito em sua relação com o mundo (Goethe, 2019). Como também a implicação do sentido da palavra “descrição” na discussão paisagística, sendo ao mesmo tempo “invenção” (Besse, 2014) ou seja a articulação de ligações entre diferentes elementos por uma totalidade potencial. E as narrativas construídas enquanto possíveis desestabilizadores “de algumas partilhas hegemônicas do sensível e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos” (Jacques, 2012, p.11). Assim, perguntando-se em que medida o caminhar permite mobilizar dimensões sensíveis e críticas, situando o caminhante no espaço e no tempo em que habita.

## **2 Objetivos**

Geral:

- A. Problematizar o caminhar como modo de conhecimento da paisagem da cidade.

Específicos:

- B. Identificar estratégias metodológicas (procedimentos, processos e dispositivos) de práticas artísticas caminhantes, atentando-se para as relações entre espaço, tempo e corpo na cidade.
- C. Reconhecer as dimensões sensíveis apreendidas na paisagem;
- D. Refletir sobre expressões sensíveis/críticas/políticas emergidas da experiência de caminhar entre o percurso e o parar;
- E. Desenvolver enunciados e dispositivos de entrada para as questões espaço-tempo-corpo na paisagem.

## **3 Abordagem da pesquisa**

O plano de trabalho se organiza nas seguintes etapas: contextualização e localização da discussão sobre o caminhar; identificação de procedimentos de práticas caminhantes no campo artístico; articulação das noções e questões de pesquisa; estudos de campo. Até o momento, foi feito o alinhamento do projeto de pesquisa e revisão dos objetivos; leitura e revisão bibliográfica; realização dos créditos obrigatórios; sistematização e análise dos materiais elaborados; preparação para o exame de qualificação. Para etapa pós qualificação, estão previstas a definição das estratégias do estudo de campo (prática caminhante e realização de entrevistas).

## **4 Resultados e discussões**

A problematização do caminhar como modo de conhecimento da paisagem significa restituir ao estar no aqui e no agora a condição de ser-movimento em pleno pensamento-ação crítico, mas em sentido de emergência ou de abertura ao que ainda será. Contudo, a emergência ou abertura não constitui tentativa de antecipação ou planejamento futuro dentro de uma escala progressiva, é reconhecer certa inconclusão e procurar por significados em reserva capazes de alterar como vemos e tocamos o mundo.

O atual momento da pesquisa é o de precisar as questões norteadoras e, também, delimitar o campo relacional entre as noções trabalhadas. Algumas questões colocadas são a partir de três eixos:

[A] o caminhar é uma dimensão de abertura e crítica às relações espaço-tempo-corpo na cidade? O que implica perceber e pensar através do caminhar?;

[B] Quem é esse caminhante e como caminha? Quais abordagens estão sendo práticas? Em qual campo do conhecimento implicam? Como o caminhar foi trabalhado enquanto forma de conhecimento da experiência da paisagem urbana?;

[C] Quais são os pontos de reconhecimento ou de entrada para a paisagem estudada? Como situar ou narrar a temporalidade desta? De quais maneiras o corpo fez-se presente como pensamento e ação para se conhecer a paisagem? Quais formas de relação com a paisagem são possíveis de serem identificadas? O que significa o percurso, o parar, o instante na paisagem?

Frente a este contexto, estão em desenvolvimento diagramas que articulam as noções de caminhar, corpo, paisagem, urbano e parte da revisão bibliográfica, a discussão do tema e práticas caminhantes, como também auxiliar na elaboração de categorias para a análise e aplicação nos estudos de campo, consideradas a partir da bibliografia e ênfase destacada de cada autor.

## 5 Referências

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminha como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

GOETHE, Johan Wolfgang. **A metamorfose das plantas**. São Paulo: Edipro, 2019.

INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee. **Introduction**. In: INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee (org.) *Ways of walking : ethnography and practice on foot*. England: Ashgate, 2008, p.1-19.

INGOLD, TIM. **O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 21, n.44, 2015, p.21-36.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2016.

TIBERGHIEU, Gilles. **A cidade Nômade**. In: CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminha como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013. p.17-22.

VELLOSO, Rita. **Pensar por Constelações**. In: JACQUES, Paola Berenstein, PEREIRA, Margareth da Silva (org.). *Nebulosas do Pensamento: tomo I – modos de pensar*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 90 – 121.